

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte *A Crítica (A.M.)*

Class.: *15*

Data *3 de setembro de 1985*

Pg.:

ANTROPÓLOGO ADVERTE

Só as Forças Armadas expulsam a quadrilha "Asas do Socorro"

RIO BRANCO, (AE) — O antropólogo Terri Vale de Aquino, que trabalha há dez anos junto aos diversos grupos indígenas do Acre, sugeriu a intervenção do Exército e da Aeronáutica para impedir que o grupo "Asas do Socorro" e a missão Novas Tribos "continuem contrabandando pedras preciosas para os Estados Unidos e envolvendo os índios nessas operações criminosas e nocivas ao país".

Ao tomar conhecimento de telex da FUNAI que proíbe a operação do grupo Asas do Socorro no Acre e no sul do Amazonas (onde a missão Novas Tribos mantém sete núcleos em diversos pontos), pressupondo o envolvimento da instituição com o contrabando de pedras preciosas, o antropólogo disse que a FUNAI não terá condições de fazer nenhum controle.

Membro da Comissão Pró-Índio do Acre e coordenador de assuntos indígenas da Fundação Cultura do Estado, Terri Aquino, por várias vezes alertou as autoridades brasileiras para o envolvimento dos missionários com o contrabando de minérios. Ele afirma que os americanos vivem acampados na selva amazônica, comunicando-se com os Estados Unidos através de potentes rádios, e do grupo Asas do Socorro, que utiliza aeroportos clandestinos.

As novas tribos estão localizadas nos



rios Iaco, Envira e Gregório, no Acre, e nos rios Jurua e Ituí, no Amazonas. Segundo o antropólogo, os índios são dominados pelos missionários e chegam a ajudá-los, inocentemente, "no embarque de sacos de material colhido na floresta e camuflado com areia". Ele

lembra que a "Novas Tribos" foi expulsada da Colômbia e da Venezuela, justamente pelo envolvimento no contrabando de minérios, embora posteriormente tenha voltado a agir naqueles países.

Em 1976, o ex-prefeito do município de Feijó, o militar reformado Antonio

Pálheta, chegou a denunciar em relatório encaminhado à SUDAM (Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia) que os missionários no rio Envira estavam embarcando, em pequenas aeronaves, grande quantidade

BRASÍLIA, (AE) — O presidente do Conselho Nacional de Serviço Social (CNSS), Aderbal de Oliveira, vai levar o caso da sociedade Asas do Socorro (acusada de envolvimento no contrabando de pedras preciosas do Brasil para os Estados Unidos) para ser examinado, hoje, pelo Conselho, em sua reunião mensal, que irá até sexta-feira.

Na verdade, segundo explicou o presidente do CNSS, nada existe de concreto, no Conselho, contra a sociedade Asas do Socorro, que em 1970 foi registrada como entidade filantrópica, passando a gozar de algumas vantagens, dentre elas a isenção de impostos, como aqueles que incidem sobre a importação. O Conselho, de acordo com Aderbal de Oliveira, é quem irá decidir se toma alguma atitude diante do noticiário sobre contrabando de pedras preciosas, onde também é citada a sociedade.

A sociedade Asas do Socorro, com sede em Anápolis, segundo documentação apresentada ao Conselho, em 1977, possui mais quatro setores de atuação, localizados em Boa Vista (Roraima), Araguacena (Goiás), Eirunepé (Amazonas) e Manaus. Em cada setor, conforme relato da entidade, a Asas do Socorro mantém um avião bem equipado para voo e piloto capacitado, para prestar, segundo seu relatório, assistência às entidades religiosas públicas e filantrópicas da região.